

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em foram publicadas).

342. CENTENÁRIO DE DOIS COMPOSITORES

O ano em curso assinala o centenário de dois compositores franceses - Georges Auric e Francis Poulenc - que integraram o chamado “Grupo dos Seis”, assim denominado talvez por analogia com o famoso “Grupo dos Cinco”, de tanta importância na história da música na segunda metade do século passado. Há, contudo, uma grande diferença entre os cinco russos e os seis franceses do período de entre-guerras.

Os primeiros foram acentuadamente nacionalistas e tiveram por preocupação principal libertar a música russa da escravizante ocidentalização que a vinha caracterizando, o que, aliás, acontecia em todos os países eslavos e escandinavos. Buscando na alma popular, nas tradições de seus países, no folclore de sua gente, os “cinco”, bem como outros compositores que, por influência dos russos, foram aparecendo na Tchecoslováquia, na Polônia, na Suécia, na Dinamarca, na Noruega, tiveram todos marcada atuação numa das páginas mais importantes da história da música do século passado ou do início do atual.

O objetivo dos “seis” franceses, sob este aspecto, foi mais modesto. Não pretenderam propriamente criar algo de novo, embora

produzissem coisas originalíssimas e alguns de seus integrantes alinhavam-se entre os maiores compositores franceses. Representaram, contudo, papel decisivo na vida musical de seu país, que parecia sem rumos após a morte de Debussy, em 1918.

De fato, o genial criador de **Pelleas et Mélissande** deixara um vazio incomensurável: Ravel viveria até 1937, mas sua grande obra praticamente já estava realizada; Paul Dukas, mais na tradição conservadora das escolas nacionais de música, não sendo homem de relacionamento fácil, um tanto ensimesmado, pouco se podia contar com ele; Fauré, o último grande romântico, falecera em 1924; Roussel, muito preso a Debussy não era homem de formar discípulos e tem-se uma certa dúvida sobre se ele teria muita coisa a dar; o irreverente Erik Satie, autor de larga influência e provavelmente o responsável pela irreverência de alguns do “Grupo dos Seis” (Poulenc e Milhaud, principalmente) falecera em 1925, deixando “órfãos” numerosos compositores da nova geração que tanta confiança depositava no excêntrico barbicha, cuja gaiatice se revelava nos simples títulos que dava às suas obras.

Preencher esse vazio e manter viva a tradição musical francesa nesse período foi a principal tarefa do denominado “Grupo dos Seis”, dos quais três de produção bem mais vasta e valiosa que os demais: Honegger, Milhaud e Poulenc, enquanto que os outros três - Auric, Durey e, coisa curiosa!, uma mulher, Germaine Tailleferre - estão hoje, não diria esquecidos, mas pouco divulgados fora da França.

Georges Auric, que viveu até 1983, deixou obra de pouca relevância, comparado com seus colegas. Iniciou-se como compositor de música para cinema, donde passou para o “ballet”, que lhe garantiu maior nome. Entretanto, sua obra mais considerada é a música de cena que compôs para a “Fedra”, de Racine.

Não creio que alguma de suas obras tenha figurado em programas de concerto no Brasil. E os discófilos pouco se beneficiam de sua produção. Em minha longa experiência nesse setor, quase nada consegui obter de sua lavra: apenas a suite de um “ballet” (“Fontaine de Jouvance”), o “Malborough s’en va-t-en guerre”, que me dá impressão de música incidental para alguma peça teatral e algumas canções de

pouca expressividade. Diferente foi a produção de Poulenc, de que se cuidará em próxima nota. 5-6-1999.

343. DA IRONIA AO MISTICISMO

Em nota anterior tive a oportunidade de uma referência ao chamado “Grupo dos Seis”, formado na França no período de entre-guerras e que se tornou em boa parte responsável pela animação da música francesa, quando ela parecia ter se estagnado após a morte de Debussy, em 1918. O que me levou a tratar do assunto foi a ocorrência, neste ano, do centenário de dois componentes desse grupo: Auric e Poulenc, nascido, ambos em 1899 e falecidos o primeiro em 1983 e o segundo em 1963. Poulenc sobreviveu, portanto, por vinte anos ao seu companheiro e esse período foi também bastante fértil na produção do compositor.

Deixou Poulenc obra bastante grande e variada, abrangendo diversas formas de composição, instrumental, orquestral e vocal. Tanto obras de câmara como para orquestra. Jogou magistralmente com as possibilidades de vários instrumentos, como o demonstram as sonatas que compôs para o piano, a clarineta, o oboé e a flauta.

O título que julguei acertado dar para esta nota é significativo. Não veja nele o leitor como um sintoma de evolução de uma para outras formas de composição, mas como prova da facilidade com que soube transmitir-nos estados d’alma diferentes. Alternou o sacro com o secular. A coreografia com a música de câmara. O vocal com o instrumental.

Kurt Pahlen, em sua conhecida “História da Música” (a mais divulgada no Brasil em certa época), escrevendo quando os “seis” não tinham ainda revelado sua maior capacidade, referiu-se a Poulenc como um compositor do qual ainda muito se poderia esperar. O saudoso crítico e musicólogo José da Veiga Oliveira, do qual me ocupei num destes meus últimos “rabiscos”, anotando o texto de Kurt Pahlen, foi explícito: “A música de Poulenc vem progressivamente alcançando sucesso internacional. Música por vezes espirituosa, brejeira, sabe altear-se à verdadeira grandeza trágica, a uma espiritualidade religiosa notável”. E passa a arrolar a “opera omnia” do compositor na qual se vê alternância das formas e do estado de espírito lembrado pelo anotador.

De permeio com as mais variadas formas de composição - sonatas, trios, sextetos, bailados, poemas sinfônicos ou coreográficos, canções profanas, cantatas - e nas quais se alternam o sério com o jocoso, alinha-se uma valiosa produção no setor da música sacra: o “Glória”, um “Stabat Mater”, uma missa, diversos motetes, litanias, enfim, o que de melhor se possa esperar da música não apenas francesa, mas universal de nossa época. Em quase todas elas, o caráter de misticismo, a que, de início, me referi. Caráter esse que, a meu ver, atinge seu ponto máximo na ópera “Diálogo das Carmelitas”, inspirado ou mesmo extraído da famosa peça de Bernanos, cuja ação decorre na França revolucionária, quando a Igreja começou a ser cruelmente perseguida.

Quem conhece essa verdadeira obra prima do teatro francês dificilmente poderá imaginar que alguém pudesse transformá-la numa ópera. Pois Francis Poulenc o conseguiu, produzindo uma das maiores obras dramáticas da música deste século. Só por isso (só?) seu nome mereceria ser lembrado neste ano de seu centenário. 12-6-1999.

344. CENTENÁRIO DE UM GRANDE “BIBLIOTECÁRIO”

Perdurou por mais de meio século o meu relacionamento com Rubens Borba de Moraes, o grande mestre da bibliografia brasileira, cujo centenário, neste ano, vem sendo comemorado por diversas entidades culturais, a começar pela Academia Paulista de Letras, da qual foi titular.

Participamos do grupo inicial da “Associação dos Geógrafos Brasileiros” e, anos mais tarde, trabalhamos pela fundação de uma “Sociedade de Estudos Históricos”, que desapareceu e ressurgiu nem sei quantas vezes. O mestre Pierre Deffontaines teve nele um dos melhores colaboradores (juntamente com Caio Prado Júnior) para a criação de “Geografia”, a primeira revista geográfica científica surgida no Brasil, e em cujo primeiro número, aparecido em 1934, insere-se seu belo estudo sobre o povoamento de São Paulo, até hoje o que de melhor se escreveu sobre o assunto.

Circunstâncias diversas, inclusive a mudança para o Rio de Janeiro, levaram-no a afastar-se das entidades que ajudou a fundar, embora mantivesse sempre o melhor relacionamento com seus integrantes.

Na direção, que exerceu por vários anos, da Biblioteca Municipal de São Paulo (a atual “Mário de Andrade”) e da Nacional do Rio de Janeiro, foi incansável no atendimento aos que as procuravam não para as leituras de rotina, mas para pesquisas mais aprofundadas. Tenho a este respeito excelente experiência de quando com ele trabalhei, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. Mais ainda: devo-lhe o incentivo para a pesquisa bibliográfica e para o estudo diplomático das fontes históricas, que continuam sendo campo predileto de meus trabalhos.

Seu interesse por bibliotecas levou-o a fundar em São Paulo a primeira Escola de Biblioteconomia, junto ao Departamento de Cultura da municipalidade e atualmente integrante da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Dessa Escola surgiram outras (São Carlos, Campinas...), inclusive em outros Estados do Brasil. O reconhecimento de sua capacidade fez com que o Exterior requisitasse seus serviços, pois foi como diretor da biblioteca da ONU que encerrou sua carreira. Sempre se considerou um “bibliotecário” e dizia não querer ser outra coisa.

Ao retornar ao Brasil após a aposentadoria, passou a residir em pitoresca chácara nos arredores da cidade paulista de Bragança, onde algumas vezes o visitei, sempre em companhia do saudoso confrade e amigo Lycurgo de Castro Santos Filho. E como era gostoso com ele conversar sobre coisas de tantos anos passados! Em seu retiro bragantino faleceu, aos oitenta e seis anos, em setembro de 1986.

Credite-se a seu favor ter sido um dos mais atuantes participantes da Semana de Arte Moderna, de 1922, com assídua colaboração na revista “Klaxon”, o órgão por assim dizer oficial da Semana.

Todavia, a área a que mais se dedicou foi a “brasiliana raríssima”, sobre a qual versam seus melhores trabalhos, notadamente a *Bibliographia Brasiliana*, da qual saíram duas edições, a primeira na Holanda e a segunda, revista e ampliada nos Estados Unidos.

Possuidor de uma das mais ricas coleções de livros raros sobre o Brasil, acabou criando de parceria com José Mindlin, outro grande bibliófilo, uma Fundação para a preservação dos acervos de ambos. Deixou, ainda, os livros “O bibliófilo aprendiz” e “Livros e bibliotecas do Brasil colonial. 3-7-1900.

345. EVOCANDO UM “PRÍNCIPE”

Assinala o dia de hoje o nascimento, em 1890, daquele que foi, em seu tempo, o “Príncipe dos poetas brasileiros”, Guilherme de Almeida. É-me grato evocá-lo, entre outras coisas por uma questão moral, pois o destino fez com que eu ocupasse na Academia Paulista de Letras a cadeira que foi dele e que ele tanto ilustrou, e na qual sucedera ao próprio pai, o jurista Estevão de Almeida.

Nascido em Campinas, pouco viveu, entretanto, na cidade que lhe serviu de berço, pois, menino ainda, teve de acompanhar o pai em andanças por Araras e Rio Claro, indo, depois, para a Capital com apenas doze anos de idade. Estudou em São Bento e na cidade mineira de Pouso Alegre; voltando para a Capital, concluiu o curso de humanidades no Carmo, matriculando-se, a seguir, e seguindo a tradição paterna, na Faculdade de Direito, por onde se formou em 1912, numa das mais brilhantes turmas da tradicional Faculdade.

Mas, sua verdadeira vocação foi sempre a poesia, deixando numerosa obra que o tornou, em certa época, o poeta mais lido do Brasil: “Nós”, “A dança das horas”, “Messidor”, “Livro de horas de Soror Dolorosa”, “Era uma vez”, “A fruta que eu perdi”, “A flor que foi um homem”, “Encantamento”, “Raça”, “Simplicidade”, “Carta à minha noiva”, “Você”, “Rua”... A essa imensa produção em verso, acrescentasse o que deixou em prosa: “Do sentimento nacionalista na poesia brasileira”, “Ritmo: elemento de expressão”, “Gente de cinema”, “Cosmópolis”, “Gonçalves Dias e o romantismo”. E acrescentasse ainda o que resultou de sua tarefa de tradutor - e que tradutor! - passando para a nossa língua poemas franceses, ingleses, espanhóis e até gregos, tornando os nomes de Paul G erardy, Baudelaire, Pierre Louys e Verlaine tão familiares ao público brasileiro, graças às suas excelentes traduções, como se fossem figuras de nossa própria literatura.

Tornou-se Guilherme de Almeida o “poeta-soldado” da Revolução de 1932, movimento que lhe inspirou alguns dos seus melhores poemas, como custou-lhe as amarguras da prisão e do exílio. Em terras portuguesas permaneceu quase um ano, trazendo de l  o livro “Meu Portugal”.

Como já foi dito, Guilherme de Almeida pouco viveu em sua cidade natal, mas ela não esquece seu grande filho. Anualmente, consagra-lhe uma semana, de grande significação no calendário cívico campineiro e da qual tem participado as principais entidades culturais da cidade. Realiza-se na terceira semana de maio. Não é época nem de seu nascimento nem de sua morte, pois ambos ocorreram em julho, época pouco propícia a manifestações cívicas e culturais por coincidir com o período de férias escolares. Mas a “Semana Guilherme de Almeida”, antecipada para maio atendeu a outro objetivo cívico: fazê-la coincidir com o “Dia do Soldado Constitucionalista”, o soldado constitucionalista que Guilherme soube ser, o que realça, de maneira ainda mais expressiva, a vinculação do poeta com a guerra cívica paulista de 1932. Para o mausoléu das vítimas campineiras da revolução, Guilherme de Almeida escreveu um dos seus mais inspirados versos:

“Não é túmulo. É berço. É sementeira
De ideal, balisa do futuro, pista,
Rastro de heróis na terra campineira.
Sobre eles, cor a cor, lista por lista,
Eternizou seu vôo essa bandeira,
Petrificou-se o pavilhão paulista.
Bandeirantes, por vós, nesta jazida,
Velam as pedras, que esta morte é vida” 26-7-1999

